



César Henrique Bernabé

Evolução da Arquitetura do Zanshin – um framework para análise de requisitos em tempo de execução

Vitória, ES

2017

César Henrique Bernabé

Evolução da Arquitetura do Zanshin – um framework para análise de requisitos em tempo de execução

Monografia apresentada ao Curso de Ciência da Computação do Departamento de Informática da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Ciência da Computação.

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Centro Tecnológico

Departamento de Informática

Orientador: Prof. Dr. Vítor E. Silva Souza

Vitória, ES

2017

César Henrique Bernabé

Evolução da Arquitetura do Zanshin – um framework para análise de requisitos em tempo de execução/ César Henrique Bernabé. – Vitória, ES, 2017-
40 p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Vítor E. Silva Souza

Monografia (PG) – Universidade Federal do Espírito Santo – UFES
Centro Tecnológico
Departamento de Informática, 2017.

1. Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos. 2. Zanshin. I. Souza, Vítor Estêvão Silva. II. Universidade Federal do Espírito Santo. IV. Evolução da Arquitetura do Zanshin – um framework para análise de requisitos em tempo de execução

CDU 02:141:005.7

César Henrique Bernabé

Evolução da Arquitetura do Zanshin – um framework para análise de requisitos em tempo de execução

Monografia apresentada ao Curso de Ciência da Computação do Departamento de Informática da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Ciência da Computação.

Vitória, ES
2017

Agradecimentos

AGRADECIMENTOS

*“Sou contra a violência, pois quando parece fazer o bem,
o bem é apenas temporário.
O mal que causa é permanente.
(Gandhi)*

*Alguns de nós pensam que aguentar nos faz fortes.
Mas às vezes, é desistir.
(Herman Hesse)*

Resumo

Com o avanço da tecnologia, sistemas de software são executados em ambientes cada vez mais dinâmicos, sendo assim obrigados a lidar com requisitos cada vez mais complexos. Nesse universo tecnológico, onde sistemas precisam reagir a diversos tipos de condições destaca-se o uso de sistemas que modificam seu comportamento e performance em tempo de execução para satisfazer requisitos mesmo em caso de falha, podendo se replanejar e reconfigurar a medida que novas exigências são encontradas e precisam ser atendidas. *Zanshin* é uma abordagem baseada em Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos (Goal-Oriented Requirements Engineering ou simplesmente GORE) criada para apoiar o desenvolvimento de sistemas adaptativos. Baseado no fato de que todo sistema possui, ainda que implícito, um ciclo de retroalimentação, o framework utiliza dessa premissa para monitorar e avaliar o comportamento do sistema alvo, enviando assim instruções de adaptação para o mesmo. Para auxiliar o processo de modelagem dos sistemas adaptativos são definidas duas novas classes de Requisitos: - Requisitos de Percepção (*Awareness Requirements* ou *s*), que especificam os indicadores de convergência que o sistema deve atingir para que determinado objetivo seja cumprido; - Requisitos de Evolução (*Evolution Requirements* ou *EvoReqs*), que definem as medidas a serem seguidas pelo processo de adaptação, ou seja, as instruções que serão enviadas ao sistema alvo mediante falha de um objetivo; Este trabalho discute uma nova proposta para o metamodelo operacional do *Zanshin*, que foi reformulado buscando compreender as restrições de *GORE* de uma forma mais precisa do que na adotada anteriormente. Além disso, para apoiar o processo de modelagem dos requisitos dentro desta abordagem, é apresentada a ferramenta CASE Unagi, que implementa um editor gráfico para modelos de sistemas adaptativos e oferece um sistema de integração com o *Zanshin*, permitindo assim que modelos criados sejam importados diretamente para a plataforma de apoio a sistemas adaptativos.

Palavras-chaves: Engenharia de Requisitos, GORE, Zanshin, Unagi...

Lista de ilustrações

Figura 1 – Exemplo de modelos de objetivos (SOUZA, 2012)	18
Figura 2 – Exemplo de modelos de objetivos de um sistema de despacho de ambulâncias (SOUZA, 2012)	21
Figura 3 – Representação gráfica de elementos de <i>GORE</i>	22
Figura 4 – Metamodelo que define a sintaxe abstrata para o <i>Zanshin</i>	23
Figura 5 – Metamodelo de <i>Ecore</i> (KERN, 2008)	29
Figura 6 – Classes do diagrama do exemplo em UML	30
Figura 7 – Classes do diagrama do exemplo em <i>Ecore</i>	31
Figura 8 – Conversão do diagrama de exemplo de UML para <i>Ecore</i>	32
Figura 9 – Exemplo de <i>Viewpoint Specification Model</i>	33

Lista de tabelas

Tabela 1 – Tabela de especificação das estratégias de adaptação de AR15.	21
--	----

Lista de abreviaturas e siglas

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
HTML	HyperText Markup Language
UML	Unified Modeling Language
URL	Uniform Resource Locator
XML	eXtensible Markup Language
GORE	Goal Oriented Requirements Engineering
EMF	Eclipse Modeling Framework
API	Application Programming Interface
MDD	Model Driven Development

Sumário

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivos	11
1.2	Metodologia	12
1.3	Organização do Texto	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1	Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos	15
2.1.1	Modelos de Objetivos em Tempo de Execução	17
2.1.2	Exemplo de Modelagem de Caso de Uso	19
2.2	Zanshin	21
2.2.1	Monitoramento	24
2.2.2	Adaptação	25
2.2.2.1	ECA	26
2.3	Desenvolvimento Orientado a Modelos	27
2.3.1	Eclipse Modeling Framework	28
2.3.2	Sirius	30
3	ESPECIFICAÇÃO DE REQUISITOS	34
4	PROJETO ARQUITETURAL E IMPLEMENTAÇÃO	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
5.1	Conclusões	36
5.2	Limitações e Perspectivas Futuras	37
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICES	40

1 Introdução

O avanço da tecnologia nas ultimas décadas permitiu que a complexidade das atividades realizadas por computadores se tornasse cada vez maior, demandando que projetos de sistemas de software passassem a abranger ainda mais os detalhes de domínio do ambiente em que os programas computacionais seriam executados (ANDERSSON et al., 2009; BRUN et al., 2009). Esse fator motivou estudos na área de modelagem e projeto de sistemas, fazendo com que novas pesquisas buscassem abranger os processos de projeto, construção e teste. Entretanto, para garantir a estabilidade dos sistemas, fazia-se uso majoritariamente da intervenção humana (ANDERSSON et al., 2009), o que rapidamente tornou-se inviável à medida que os sistemas cresciam (ANDERSSON et al., 2009) para atender o aumento na demanda de usuários. Assim, a utilização de sistemas adaptativos vem tornando-se a solução mais viável e prática para a atual conjuntura do desenvolvimento de softwares. Além disso, o aumento do número de diferentes dispositivos e situações em que os softwares podem ser executados faz com que esses passem a enfrentar uma grande diversidade de contextos (muitas vezes imprevisíveis) de execução, fundamentando ainda mais a pesquisa na área de softwares adaptativos (KEPHART; CHESS, 2003).

Sistemas adaptativos são dotados da capacidade de tomar decisões para se ajustar e se reconfigurar mediante mudanças de contexto, permitindo assim que os requisitos elicitados continuem a ser atendidos de forma satisfatória (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012). Entretanto, poucas soluções desse tipo consideram a modelagem das características adaptativas no sistema desde a fase de levantamento de requisitos de software, como por exemplo o *Zanshin* (SOUZA, 2012), uma abordagem que baseia-se em modelos de requisitos para projetar características adaptativas em sistemas através de novos requisitos chamados Requisitos de Adaptação.

1.1 Objetivos

Este trabalho possui dois objetivos principais, a reconstrução do metamodelo operacional do *Zanshin* e a criação de uma ferramenta gráfica usada para modelar sistemas adaptativos através da Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivo (*Goal Oriented Requirements Engineering* ou *GORE*). O primeiro refere-se ao metamodelo de objetivos baseado em i^* , usado pelo framework para verificar se os requisitos do modelo de domínio específico estão sendo atendidos satisfatoriamente. Para ambas as atividades, foram utilizados os conceitos aprendidos ao longo do curso de Ciência da Computação. São objetivos específicos deste projeto:

- Levantar as deficiências dos metamodelo atual do Zanshin, identificando os pontos em que as relações entre os elementos deveriam ser modificadas para representarem mais fielmente as formalidades da Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos, bem como pontos onde as decomposições entre elementos deveria tornar-se restrita, por exemplo.
- Elaborar um metamodelo atualizado que, além de representar mais rigorosamente a hierarquia dos elementos *GORE*, também reflita as necessidades da arquitetura do *Zanshin*, como por exemplo as relações de contenimento de elementos.
- Modificar o código fonte do *framework* para que o mesmo possa utilizar o novo metamodelo desenvolvido e executar o mecanismo de adaptações considerando esse novo metamodelo.
- Desenvolver uma ferramenta que permita ao usuário criar uma representação gráfica do modelo do sistema alvo e implementar, dentro dessa ferramenta, um módulo que permita converter o modelo gráfico representado em arquivos XML que podem ser importados diretamente para o *Zanshin*.
- Apresentar os trabalhos desenvolvidos, juntamente com as perspectivas futuras de otimização de ambos os sistemas apresentados nesse trabalho.

1.2 Metodologia

O trabalho realizado compreendeu as seguintes atividades:

1. *Revisão Bibliográfica*: Estudo sobre Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos, Desenvolvimento Orientado a Modelos, de publicações acadêmicas sobre *Zanshin* e sobre desenvolvimento de sistemas adaptativos.
2. *Estudo das Tecnologias*: Por fim, levantamento das tecnologias disponíveis para *Eclipse Modeling Framework* (EMF) que permitam o desenvolvimento de editores gráficos dentro da plataforma EclipseTM. Após o levantamento das tecnologias que deveriam ser utilizadas para o desenvolvimento de editores gráficos iniciou-se estudo das tecnologias EMF, SiriusTM e do código fonte do *Zanshin*.
3. *Elaboração do novo Metamodelo*: Nessa etapa o novo metamodelo a ser usado foi elaborado gradativamente a partir das informações obtidas dos documentos estudados e das discussões realizadas em reuniões com grupo de estudos de Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos na Ufes.
4. *Adequação do Zanshin ao novo Metamodelo*: Após finalização do metamodelo, iniciou-

se processo de adequação do *Framework* para que o mesmo pudesse operar adequadamente de acordo com a nova proposta.

5. *Implementação da Ferramenta de Modelagem*: Uma primeira versão da ferramenta foi desenvolvida no contexto de trabalho de Iniciação Científica, entretanto a mesma usava o metamodelo antigo do *Zanshin*. Essa etapa consiste, portanto, no desenvolvimento de ferramenta gráfica que permite a modelagem de sistemas adaptativos seguindo as formalidades do novo metamodelo proposto para o sistema *Zanshin*, bem como a criação de módulo java que permite a exportação do modelo desenvolvido nessa ferramenta para arquivo XML adequado aos padrões do *Framework*.
6. *Redação da Monografia*: Escrita da monografia, etapa obrigatória do processo de elaboração do Projeto de Graduação. Para a escrita desta, foi utilizada a linguagem *LaTeX*¹ utilizando o template *abnTeX*² que atende os requisitos das normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para elaboração de documentos técnicos e científicos brasileiros. Para apoiar este processo, foi utilizado o aplicativo *TeXstudio*³.

1.3 Organização do Texto

Este texto está dividido em quatro partes principais além desta introdução, que seguem:

- **Capítulo 2** – Referencial Teórico: apresenta discussão acerca de *GORE* e *Model Driven Development*, focando na relação desses tópicos com sistemas adaptativos e com o processo de desenvolvimento da ferramenta *Unagi*. Ademais, é discutida a arquitetura do sistema *Zanshin* e suas características.
- **Capítulo 3** – Proposta: nesse capítulo são apresentados os processos e decisões que levaram a elaboração do novo metamodelo do *Zanshin*, bem como as modificações decorrentes dessas modificações na arquitetura da plataforma. Ademais, na seção seguinte é abordado o processo de desenvolvimento da ferramenta *Unagi* e os pormenores da implementação de todos os módulos da mesma.
- **Capítulo 4** – Revisão: é feita validação do metamodelo evoluído do *Zanshin* e da implementação da ferramenta *Unagi*.
- **Capítulo 5** – Considerações Finais: apresenta as conclusões obtidas ao final deste trabalho, tal como as dificuldades encontradas e as perspectivas de trabalhos futuros

¹ LaTeX – <http://www.latex-project.org/>

² abnTeX – <http://www.abntex.net.br>

³ www.texstudio.org

para esse contexto.

2 Referencial Teórico

Este capítulo apresenta os principais conceitos teóricos que fundamentaram a evolução do metamodelo de requisitos do *Zanshin* e do desenvolvimento da ferramenta *Unagi*. A seção 2.1 aborda a Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos, destacando os principais conceitos dessa área que foram utilizados ao longo deste trabalho. A seção 2.2 apresenta o sistema *Zanshin* e os detalhes do metamodelo original do *Framework*. A seção 2.3 apresenta um breve resumo sobre Desenvolvimento Orientado a Modelos (*Model Driven Development* ou MDD) assim como as principais ferramentas que foram utilizadas durante o desenvolvimento do *Unagi*, como as funcionalidades *Framework* de modelagem do EclipseTM, o plugin SiriusTM, dentre outros.

2.1 Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos

A Engenharia de Software é uma área da Ciência da Computação voltada ao estudo dos processos, métodos, técnicas, ferramentas e ambientes de suporte ao desenvolvimento de software, apoiando-se principalmente nas práticas e aplicações da área de Gerência de Projetos com o objetivo de promover melhor organização, produtividade e qualidade em todo o processo de desenvolvimento de um software (FALBO, 2014).

Dentro da área de Engenharia de Software, destaca-se uma importante subárea, a área de Engenharia de Requisitos de Software, focada no processo de elicitação de requisitos, considerados fatores determinantes no sucesso do desenvolvimento de um software (FALBO, 2017). Requisitos podem ser entendidos como a definição do que o sistema pode prover, ou também entendidos como o que o sistema é capaz de fazer para atingir um determinado objetivo (PFLEEGER, 2004).

Devido ao fato de requisitos estarem diretamente ligados aos objetivos do sistema, destaca-se também a **Engenharia de Requisitos Orientada a Objetivos**, uma subárea da Engenharia de Requisitos. Objetivos são parte importante do processo de elicitação de requisitos, seu propósito é indicar as principais necessidades que justificam a criação de um determinado sistema, demonstrando os casos em que as funcionalidades do mesmo satisfarão as necessidades elicítadas, além de dizer como o sistema deve ser construído para satisfazê-las (ROSS; SCHOMAN, 1977).

Em uma descrição geral e resumida do processo de identificação de objetivos, pode-se dizer que o potencial software é analisado nos ambientes organizacional, operacional e técnico, onde são assim identificados os problemas de contexto e as oportunidades de solução desses problemas. Então, os objetivos são criados com foco na resolução dos

problemas e das oportunidades identificadas. Tendo em mãos os objetivos do sistema devidamente refinados, os requisitos do sistema são então elaborados para que esses objetivos sejam devidamente atendidos. Além de apoiar no processo de modelagem de requisitos, objetivos são usados para apoiar outros propósitos como gerenciamento de conflitos e o processo de verificação (LAMSWEERDE, 2001). De acordo com (LAMSWEERDE, 2001), objetivos podem ser reformulados em diferentes níveis de abstração dependendo do tipo de necessidade que o sistema alvo deve atender, abrangendo desde interesses referentes a estratégias de negócios até conceitos técnicos de atividades, assim referindo-se a requisitos funcionais e não-funcionais.

A necessidade de uso de objetivos no processo de modelagem de sistemas de software vem se tornando cada vez mais clara a medida que analistas percebem que:

- Objetivos provêm critérios claros de completude dos requisitos do sistema, permitindo também que requisitos desnecessários sejam descartados.
- Objetivos facilitam o processo de entendimento dos requisitos pelas partes interessadas.
- Melhora a legibilidade de documentos de especificação de requisitos, pois permite que engenheiros possam enxergar com mais clareza as alternativas de desenvolvimento dos requisitos do sistema. Além de facilitar o processo de gerenciamento de conflitos.
- Objetivos dirigem parte do processo de elicitação de requisitos, facilitando a identificação de boa parte deles.

Diferentemente dos requisitos, objetivos podem precisar da cooperação entre diferentes tipos de refinamentos para que sejam atendidos de forma suficiente (DARDENNE; LAMSWEERDE; FICKAS, 1993). Em outras palavras, um objetivo diretamente relacionado ao sistema a ser criado torna-se um requisito, enquanto um objetivo sob responsabilidade de um agente do ambiente em que o software será executado torna-se uma Pressuposição de Domínio (ou *Domain Assumptions*) e, nesse caso, são satisfeitos devido a uma regra de negócio (LAMSWEERDE, 2001; LAMSWEERDE; DARIMONT; LETIER, 1998). Objetivos funcionais podem ser classificados como objetivos rígidos (*Hard Goals*), cujo critério de satisfação pode ser atendido de forma técnica (DARDENNE; LAMSWEERDE; FICKAS, 1993) e objetivos fracos (*Soft Goals*), que não possuem critérios claros de satisfação, entretanto são úteis quando deseja-se comparar os melhores refinamentos ao objetivo estudado, enquanto aqueles são objetivos. Para que *Soft Goals* tenham um parâmetro claro de satisfabilidade, são adicionados a eles os Critérios de Qualidade (*Quality Constraints*), critérios que operacionalizam os *Soft Goals*. Por exemplo, um *Soft Goal* “Baixo Custo” pode ser refinado no critério de qualidade “Custo deve ser menor que mil reais”. Por fim, (JURETA; MYLOPOULOS; FAULKNER, 2008) define outro tipo de

refinamento para especificar a atendibilidade de um objetivo: as tarefas (*Taks*), que são os passos a serem tomados para que um determinado objetivo seja cumprido. Em outras palavras, tarefas são definidas por funcionalidades do sistemas que, se executadas com sucesso, são consideradas satisfeitas (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012).

Objetivos relacionam-se um com o outro através de refinamentos. Segundo (DARDENNE; FICKAS; LAMSWEERDE, 1991; DARDENNE; LAMSWEERDE; FICKAS, 1993), objetivos podem ser refinados usando grafos E/OU (*AND/OR*). O critério de satisfabilidade de objetivos refinados em “E” ou “OU” segue os conceitos da lógica booleana: refinamentos do tipo “E” implicam que para que um objetivo seja considerado satisfeito, todos os sub-objetivos refinados a partir dele devem ser satisfeitos, enquanto refinamentos do tipo “OU” relacionam o objetivo principal com um conjunto de alternativas, ou seja, basta que um de seus refinamentos seja atendido para que ele também seja considerado alcançado. Objetivos são refinados até atingirem um level de granularidade em que são refinados apenas por tarefas que podem ser completado com sucesso por um ator (humano ou outro sistema) (SOUZA et al., 2013). Refinamentos podem acontecer entre Objetivos e outros Objetivos, *Softgoals*, Tarefas e Pressuposições de Domínio.

Em questões de representação gráfica, os modelos de objetivos discutidos nesse texto são grafos ordenados que exibem as exigências das partes interessadas no topo do modelo e abaixo, objetivos (e tarefas) mais refinados. A simbologia utilizada é baseada na sintaxe de i^* (YU et al., 2011). Um exemplo de modelo de objetivos representando um sistema de despacho de ambulâncias é mostrado na Figura 1.

2.1.1 Modelos de Objetivos em Tempo de Execução

Muitas vezes os requisitos de um *software* precisam ser modificados durante o ciclo de execução do mesmo. Além disso, durante o processo de especificação as partes interessadas no sistema podem apresentar requisitos condicionais, ou seja, que assumem diferentes configurações dependendo da ocorrência de determinada situação (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012). Em outras palavras, há a necessidade de sistemas que possam se automonitorar e, caso necessário, se adaptarem para que seus objetivos continuem sendo satisfeitos (DALPIAZ et al., 2013). Esse tipo de sistema geralmente é composto por duas partes principais: a primeira sendo o sistema em si, que executa uma tarefa para cumprir um objetivo desejado e a segunda sendo um sistema de monitoramento do primeiro, que envia ao primeiro sistema instruções de modificação de suas configurações para que seus objetivos continuem sendo atendidos (SOUZA et al., 2013).

O sistema de monitoramento é construído fundamentado na premissa de que todo sistema possui um ciclo de retroalimentação (*feedback loop*) (BRUN et al., 2009), e assim realizam o processo de adaptação com base nesse ciclo, aplicando controladores de *feedback*

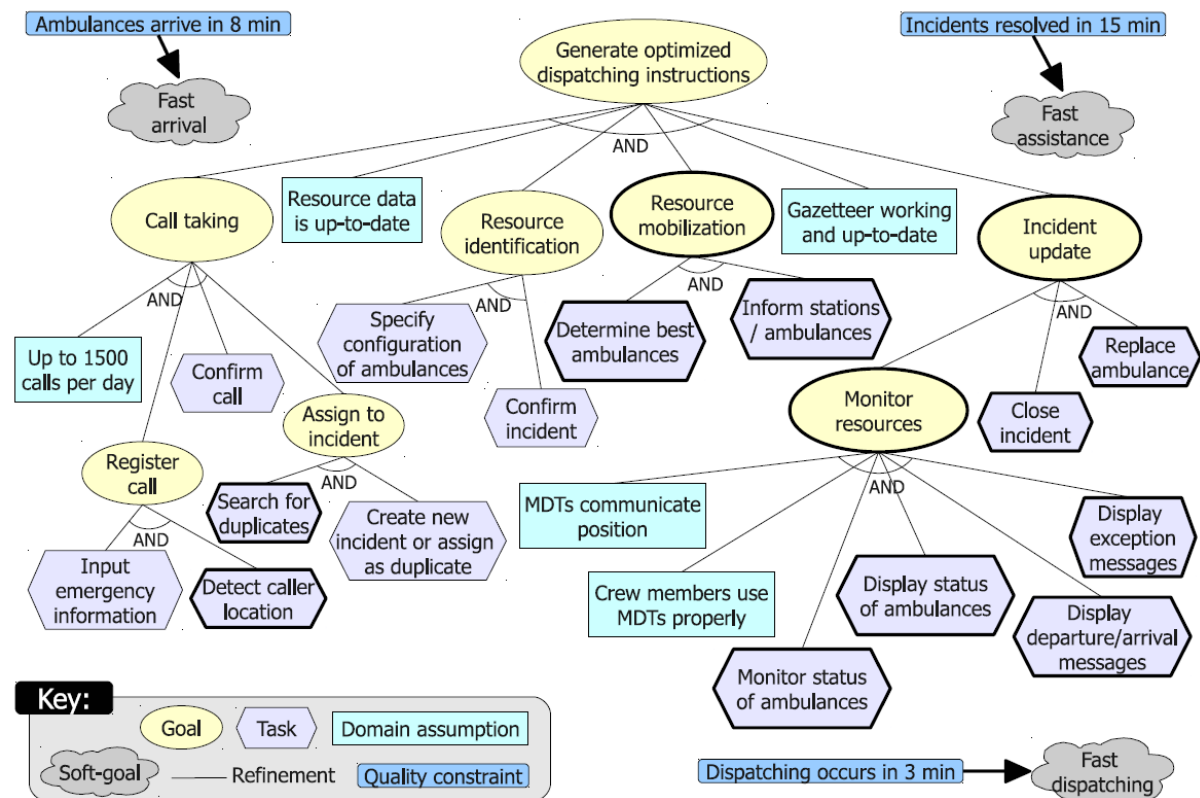


Figura 1 – Exemplo de modelos de objetivos (SOUZA, 2012)

que monitoram o comportamento do sistema e injetam estratégias de adaptação (SOUZA et al., 2013). O módulo adaptador do sistema verifica, de acordo com as saídas do sistema alvo, se os objetivos internos a esse estão sendo atendidos e, para isso, necessita importar o modelo de objetivos (SOUZA et al., 2013) enriquecido de elementos que indicam os requisitos a serem observados e as estratégias de adaptação relativas.

Modelos de sistemas adaptativos incluem requisitos autoconscientes, ou seja, requisitos definidos em relação ao sucesso, falha ou qualidade de serviço de outros requisitos (SOUZA et al., 2013). Assim, esses requisitos são considerados “requisitos especiais” já que sua operacionalização está relacionada a mudança de outros requisitos (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012). Ademais, o comportamento do sistema é caracterizado por eventos que ocorrem em tempo de execução e que estão diretamente ligados a instâncias de objetivos (DALPIAZ et al., 2013). Assim, é importante observar que essa abordagem é considerada orientada a objetivos já que os requisitos mencionados são derivados do refinamento de objetivos elicitados para o sistema.

Requisitos autoconscientes são divididos em dois tipos principais: Requisitos de Percepção (*Awareness Requirements* ou *AwReqs*) (SOUZA et al., 2013) e Requisitos de Evolução (*Evolution Requirements* ou *EvoReqs*) (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012). *AwReqs* são requisitos que referem-se ao estado de outros requisitos em tempo de execução, representando situações onde as partes interessadas desejam que o sistema se

adapte (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012). Podem se referir a qualquer tipo de elemento, sejam objetivos, *Softgoals*, tarefas e pressuposições de domínio. Além disso, indicam o quão crítico um requisito pode ser ao descrever o grau de tolerância a falhas do mesmo (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012). Antes da execução de um sistema, os requisitos estão em estado “Não Decidido” (*undecided*), e então pode assumir os estados “Sucesso” (*Succeeded*), “Falha” (*Failed*), e no caso de objetivos e tarefas, “Cancelado” (*Canceled*) (SOUZA et al., 2013). É facilmente notável que o processo de eliciação de requisitos de percepção só acontece depois que o modelo de objetivos é levantado, e assim como o processo de construção de objetivos, *AwReqs* devem ser sistematicamente criados.

EvoReqs são requisitos que modificam o espaço de comportamento do sistema, permitindo que novas alternativas de requisitos sejam usadas, baseando-se em um conjunto pré-definido de etapas de evolução para os requisitos monitorados (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012). Isto é, *EvoReqs* são requisitos que especificam uma série de operações primárias em relação a outros requisitos diante de determinadas situações, dizendo ao sistema como adaptar-se (SOUZA; LAPOUCHNIAN; MYLOPOULOS, 2012), como por exemplo, adicionar ou remover um objetivo, modificar o estado de um objetivo (em nível de instância), desfazer as ações de uma execução que resultou em falha, entre outras (SOUZA et al., 2013).

Em suma, *AwReqs* especificam quando um determinado objetivo precisa de mudanças para continuar a ser atendido, enquanto *EvoReqs* especificam como executar tais mudanças. A seguir, o modelo de exemplo apresentado na seção 2.1 é novamente apresentado, porém com novos requisitos de adaptação que são devidamente discutidos na próxima sessão.

2.1.2 Exemplo de Modelagem de Caso de Uso

Na Figura 2 é apresentado o modelo completo do sistema de despacho de ambulâncias (*Adaptive Computer-aided Ambulance Dispatch* ou *A-CAD*), nele observa-se o objetivo principal “Gerar Instruções de Despacho Otimizadas”, representado por uma oval, que é imediatamente refinado em outros objetivos e em uma pressuposição de domínio (retângulo), o refinamento entre o objetivo raiz e seus filhos imediatos é do tipo “E” e portanto, para que o objetivo principal seja considerado satisfeito, todos as suas decomposições de primeiro grau precisam ser satisfeitas. Então, verifica-se que o primeiro nível de refinamento do objetivo principal é composto de:

- Objetivo: “Gerenciar Chamadas”
- Objetivo: “Identificação de Recursos”

- Objetivo: “Mobilização de Recursos”
- Objetivo: “Obtenção de Mapas”
- Pressuposição de Domínio: “Dados sobre recursos está sempre atualizado”

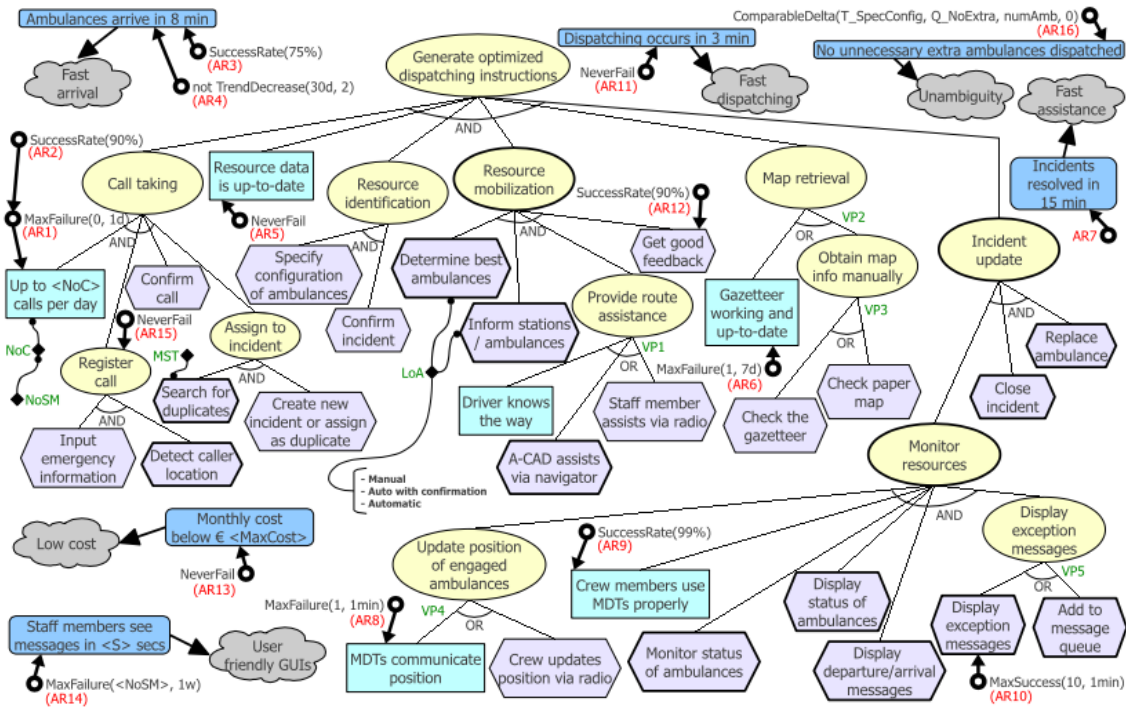


Figura 2 – Exemplo de modelos de objetivos de um sistema de despacho de ambulâncias (SOUZA, 2012)

O processo de refinamento do modelo então segue até que todos os objetivos sejam completamente refinados em tarefas ou pressuposições de domínio. *Softgoals* são representados por nuvens e refinados em critérios de operacionalização representados por retângulos com cantos arredondados. Exemplificando, o *Softgoal* “Chegada Rápida” é operacionalizado por “Ambulâncias chegam em oito minutos”, assim, tem-se um critério claro de satisfação para um objetivo que antes possuía diversos tipos de interpretação, porém agora, sabe-se que uma ambulância chega rapidamente se consegue estar no local do acidente em menos de oito minutos a partir da chamada.

Os requisitos de percepção são representados por um círculo oco. Por exemplo, o *AwReq* identificado por “AR15”, indica que o objetivo “Registrar Chamados” deve “Nunca falhar”. Os *EvoReqs* referentes a cada um dos *AwReqs* não são representados nesse modelo, e devem ser especificados em forma de sequencia de operações sobre os elementos do modelo de objetivos (essa escolha visa aprimorar a legibilidade do modelo). Além dos *AwReqs*, são especificados também os parâmetros de controle (*control parameters*), representados por losangos, que indicam parâmetros do sistema que podem ser reconfigurados durante a adaptação. Todas as formas de representação estão resumidas na Figura 3.

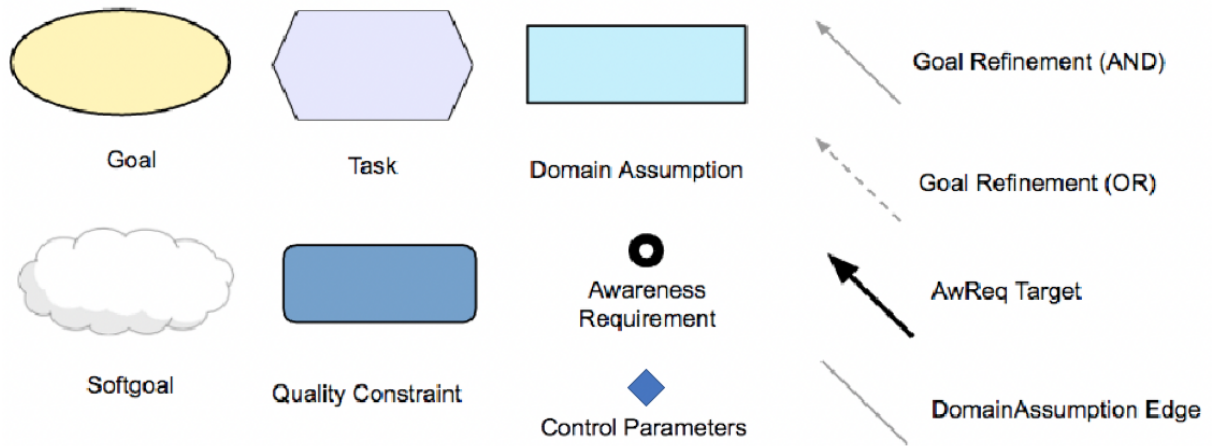
Figura 3 – Representação gráfica de elementos de *GORE*

Tabela 1 – Tabela de especificação das estratégias de adaptação de AR15.

AR15	NeverFail(G_RegCall)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Retry(5000) 2. RelaxDisableChild(T DetectCaller)
------	----------------------	--

Sobre os *EvoReqs* do “AR15”, podemos definir seus respectivos Requisitos de Evolução. Primeiramente, se o objetivo vir a falhar, define-se a primeira estratégia de adaptação como “Tentar Novamente em 5 segundos no máximo uma vez” (*RetryStrategy*(5000)), caso falhe mais do que uma vez, aplica-se outra estratégia “Diminuir Condições ao Desabilitar Filho” (*RelaxDisableChild*(*TDetectCaller*)), que desativa o requisito “Detectar Localização da Ligação”, também aplicado no máximo uma vez. Essas decisões são sumarizadas na tabela 1.

O processo de especificação de como as estratégias de evolução são realizadas pelo sistema é discutido na próxima seção.

2.2 Zanshin

Apresentado por (SOUZA, 2012) e baseado em várias das premissas discutidas até aqui, *Zanshin* é um *framework* que utiliza de ciclos de retro-alimentação para monitorar sistemas e enviar estratégias de adaptação com base em informações de modelos de requisitos orientados a objetivos enriquecidos com elementos como os *AwReqs* e os *EvoReqs*. O nome *Zanshin* vem de um termo usado em artes marciais japonesas e significa estado de completa consciência.

Em tempo de execução, os elementos do modelo de objetivos são representados por classes e instanciados cada vez que o usuário (ou sistema) busca atingir um objetivo, e então o sistema passa a enviar mensagens a essas instâncias quando detectar falhas. Percebe-se assim, que objetivos e pressuposições de domínio não são tratadas como invariantes que devem sempre ser atingidas, já que o sistema pode falhar ao tentar atingir seus objetivos

iniciais, e assim o sistema de adaptação lidará com essas falhas e tomará medidas para que os objetivos voltem a ser satisfeitos (SOUZA et al., 2013).

Assim como o monitoramento de objetivos através do *Feddback Loop*, o *Zanshin* também monitora Parâmetros (*Parameters*) que podem ser definidos em dois tipos. Primeiro, os Pontos de Variação (ou *Variation Points*), que representam refinamentos do tipo “OU” (*OR*). Por exemplo, o VP4 do modelo de objetivos do sistema A-CAD (Figura 2) que refere-se ao objetivo “Atualizar posição de ambulâncias em uso” especifica que atualizações de posição das ambulâncias podem ser obtidas automaticamente ou via rádio. Segundo, as Variáveis de Controle (ou *Control Variables*), que são abstrações referentes a pontos de variação repetitivos ou usados em grande escala, como por exemplo a variável MST (“Tempo de Busca Mínimo” ou *Minimum Search Time*), que refere-se a tarefa “Procurar por (incidentes) duplicados”.

O metamodelo dos modelos de objetivos usados no *Zanshin* é representado na Figura 4, e especificado no código do *framework* como um modelo EMF e carregado em memória como objetos JavaTM usando a API do EclipseTM para EMF. Nessa caso, o modelo EMF representa os tipos de requisitos em nível de classe (SOUZA et al., 2013).

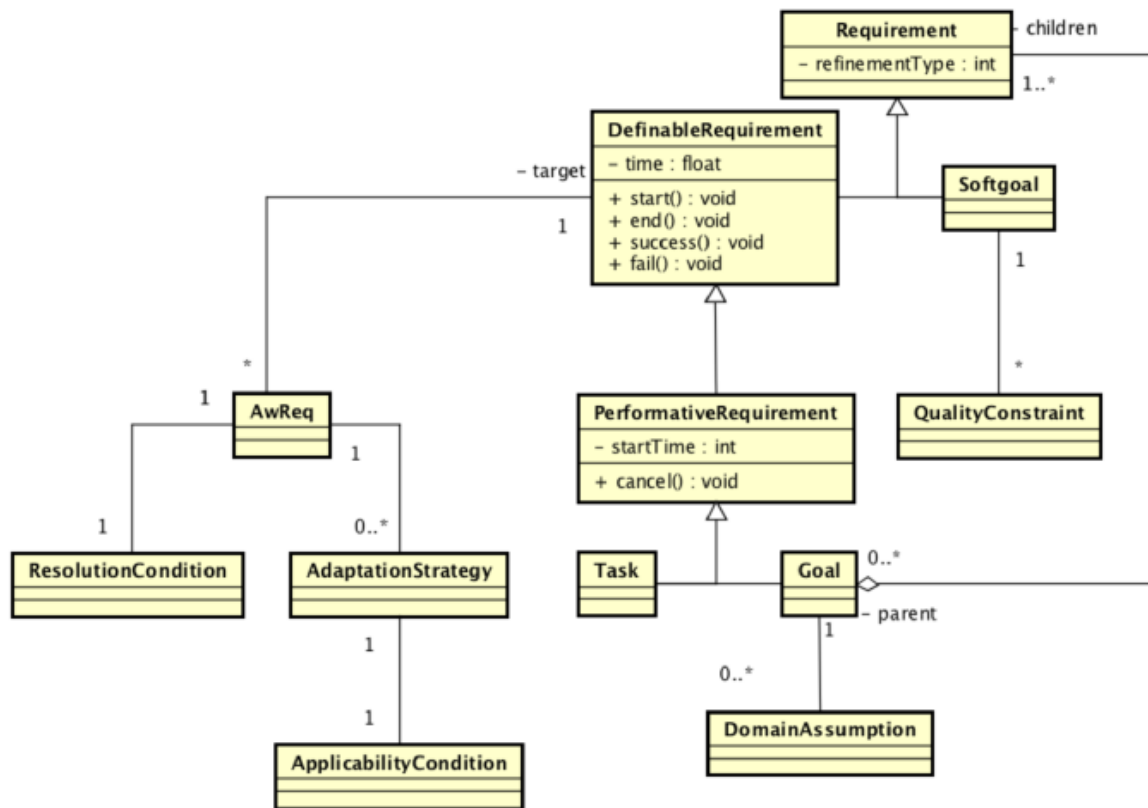


Figura 4 – Metamodelo que define a sintaxe abstrata para o *Zanshin*

De uma maneira geral, o *Zanshin* é ser dividido em quatro componentes. Essa seção

discute dois módulos principais: o componente de monitoramento e o componente de adaptação.

2.2.1 Monitoramento

O módulo de monitoramento necessita que o sistema alvo implemente funcionalidades de registro (*logs*). Através do registro, o sistema pode detectar mudanças nos estados das instâncias de um *AwReq* e assim notificar o serviço de adaptação sobre as mudanças ocorridas.

Para identificar o modelo de objetivos do sistema alvo, o componente de monitoramento necessita da especificação do modelo do sistema também em EMF. Através dele, o *Zanshin* criará instancias desses objetivos extendendo as de classes carregadas do metamodelo de *GORE* referentes ao tipo de cada um deles. Ou seja, o modelo do sistema deve especificar objetos que estendam os disponíveis no metamodelo de *GORE* (Figura 4). Por exemplo, ao criar tarefa “Especificar configuração de ambulâncias”, o sistema criará uma instancia dessa tarefa específica, que fará referência a classe *Task* criada no momento em que o metamodelo foi importado. A classe de tarefa especializa a classe *PerformativeRequirement* que é uma especialização *DefinableRequirement*.

Performative Requirements definem os tipos de requisitos que são ou podem ser refinados em tarefas, e assim possuem ações que são executadas pelo sistema ou seus usuários. Enquanto *Definable Requirements* são os requisitos que deve possuir um estado definido em algum momento da execução, como por exemplo os objetivos e pressuposições de domínio.

Assim que o sistema cria as classes dos requisitos do sistema alvo, o processo de monitoramento apoia nos métodos definidos nas metaclasses *DefinableRequirement* e *PerformativeRequirement* (SOUZA, 2012) para realizar a monitoração, os métodos disponíveis são:

- **start()**: esse método é chamado nas classes de critérios de qualidade e pressuposições de domínio imediatamente antes da análise de seu estado de satisfação. Para o caso de tarefas, esse método é chamado assim que um usuário inicia uma tarefa, e então todos os ancestrais a essa também tem esse método invocado.
- **sucess()**: chamado quando um requisito é satisfeito e propagado para todos os acentrais a esse objetivo para “avisar” que o filho chegou ao estado de sucesso.
- **fail()**: segue a mesma lógica dos item anteriores, propagando a “falha” de um requisito aos seus ancestrais.
- **cancel()**: para o caso de requisitos como objetivos e tarefas, esse método é usado

quando um procedimento é cancelado pelo usuário, e usa da mesma lógica de propagação dos métodos anteriores para informar o ocorrido aos pais.

- `end()`: chamado assim que um requisito retorna dos estados de sucesso, falha ou cancelamento.

Através da descrição dos métodos acima mencionados, é possível entender como o processo de monitoramento funciona: basicamente os requisitos monitorados possuem métodos que podem ser chamados em cada caso que assumem, seja de sucesso, falha ou cancelamento. Assim que chamados, os métodos invocam os mesmos métodos nos elementos pais, permitindo que a atualização de um requisito se propague a todos os elementos que interessem, atualizando assim todo o modelo.

Logo que o componente monitor detecta uma mudança de estado em um requisito, ou seja, assim que qualquer um dos métodos acima é invocado, ele imediatamente envia uma notificação sobre essa mudança ao módulo de adaptação, que então inicia o processo definido para aquele determinado requisito de percepção (SOUZA, 2012).

2.2.2 Adaptação

Em termos de implementação, o algoritmo do módulo de adaptação cria uma sessão para cada *AwReq* que está sendo monitorado e então gera uma fila de eventos que se referem a estratégias de adaptação. Assim, essa linha de eventos pode ser usada para verificar se uma estratégia é ou não aplicável a determinada situação. Primeiramente, deve-se verificar o estado de um objetivo apontado por um *AwReq*, para isso é checada a condição de resolução daquele. Então, caso uma avaliação considere que o objetivo está em estado de falha, o sistema segue (seguindo uma ordem pré-definida) a lista de estratégias de adaptação disponíveis, procurando alguma que tenha sua condição de aplicabilidade verdadeira. Caso encontre, aplica a estratégia de adaptação definida por aquela condição de aplicabilidade e então retorna ao estado inicial, onde a checagem da satisfabilidade do objetivo é realizada novamente. Caso o sistema retorne a fase de checagem do estado do objetivo e esse ainda não tenha sido satisfeito, o processo começa novamente. Caso não encontre uma condição para aplicar uma estratégia, o sistema ativa o método “abortar” (`abort()`) (SOUZA et al., 2013).

Ao final, quando uma sessão de adaptação é considerada resolvida, a mesma deve ser terminada e se for necessário que o processo seja aplicado novamente, uma nova sessão é criada. Entretanto, se uma sessão termina sem ter resolvido o problema, o *framework* continuará trabalhando nela do ponto em que parou assim que receber uma nova requisição para adaptação daquele mesmo *AwReq*. Porém, algumas estratégias também podem forçar que a sessão seja reiniciada quando executada (SOUZA et al., 2013). Essa processo é conhecido como Evento de Ação-Condição (*Event Condition Action* ou *ECA*) (MORIN et

al., 2009).

2.2.2.1 ECA

O código a seguir resume o processo *ECA* para realizar a seleção de estratégias de adaptação:

Listagem 2.1 – Código do processo ECA

```

1 processEvent(ar : AwReq) {
2   session = findOrCreateSession(ar.class);
3   session.addEvent(ar);
4   solved = ar.condition.evaluate(session);
5   if(solved) break;
6
7   ar.selectedStrategy = null;
8   for each s in ar.strategies {
9     appl = s.condition.evaluate(session);
10    if (appl) {
11      ar.selectedStrategy = s;
12      break ;
13    }
14  }
15
16  if (ar.selectedStrategy == null)
17    ar.selectedStrategy = ABORT;
18
19  ar.selectedStrategy.execute(session);
20  ar.condition.evaluate(session);
21 }
```

O algoritmo inicia obtendo a sessão de adaptação referente a classe do *AwReq* requisitado (caso não haja uma sessão, uma nova é criada). Obtida a sessão de adaptação, o algoritmo tem então acesso a lista de eventos de aplicabilidade referentes, então, adiciona o *AwReq* a sessão e imediatamente verifica o estado da mesma (verificando a condição de resolução), parando caso tenha retornado estado de sucesso. Caso contrário, o processo continua procurando por uma estratégia que seja aplicável, verificando se a condição de aplicabilidade é verdadeira. Caso for verdadeira, interrompe o processo e dá a sessão de adaptação uma nova chance de verificar o estado do *AwReq*. Caso todas as condições sejam falsas e nenhuma estratégia seja selecionada, seleciona a estratégia padrão (`abort()`) e termina o processo (SOUZA, 2012).

Para exemplificar esse processo, tomemos novamente o *AwReq* “AR15”, que garante que o requisito “Registrar chamada” deve nunca falhar. Caso seja detectado pelo processo de monitoramento que esse requisito apresenta estado de falha, o módulo monitor imediatamente ativa o módulo de adaptação, que segue o processo ECA para aplicar estratégias ao “AR15”. Pela Listagem 2.2, ve-se que a condição de resolução desse requisito é do tipo `SimpleResolutionCondition` e que a primeira estratégia a ser selecionada é `RetryStrategy`, ou seja, tentar novamente (em 5s), entretanto, essa estratégia pos-

sui a condição de aplicabilidade `MaxExecutionsPerSessionApplicabilityCondition`, o que significa que ela só pode ser aplicada uma vez naquela sessão. Caso essa condição seja falsa, a próxima estratégia refere-se a desativar um dos filhos desse objetivo (`RelaxDisableChildStrategy`), no caso a tarefa “Detectar localização da chamada”, e possui a mesma condição de aplicabilidade. Se nenhuma dessas condições puder ser satisfeitas, então o sistema aborta, caso contrário, seleciona a primeira estratégia aplicável e verifica novamente o estado do objetivo. A condição `SimpleResolutionCondition` refere-se ao fato de que um objetivo é dito satisfeito apenas se seus filhos estiverem em estado de sucesso (respeitando a regra booleana do refinamento).

Listagem 2.2 – Estratégias de adaptação de AR15

```

1 <awreqs xsi:type="acad:AR15">
2   <condition xsi:type="eca:SimpleResolutionCondition"/>
3   <strategies xsi:type="eca:RetryStrategy" time="5000">
4     <condition xsi:type="eca:MaxExecutionsPerSessionApplicabilityCondition"
       maxExecutions="1"/>
5   </strategies>
6   <strategies xsi:type="eca:RelaxDisableChildStrategy" child="//@rootGoal/
       @refinements.0/@refinements.0/@refinements.1">
7     <condition xsi:type="eca:MaxExecutionsPerSessionApplicabilityCondition"
       maxExecutions="1"/>
8   </strategies>
9 </awreqs>

```

É importante salientar que as classes referentes a estratégias de adaptação, assim como as condições de aplicabilidade e resolução podem ser extendidas para casos mais complexos, envolvendo inclusive a interação humana (SOUZA, 2012).

2.3 Desenvolvimento Orientado a Modelos

Pesquisadores vem tentando ao longo dos anos criar abstrações que ajudem programadores a focar no conteúdo do desenvolvimento ao invés das especificidades da tecnologia de criação adotada (VIYOVIĆ; MAKSIMOVIĆ; PERISIĆ, 2014). O Desenvolvimento Orientado a Modelos pode ser visto como a forma de programação de mais alto nível de abstração existente atualmente (ATKINSON; KUHNE, 2003), promovendo o uso de artefatos do processo de desenvolvimento de software para lidar com complexidade através de abstração (VIYOVIĆ; MAKSIMOVIĆ; PERISIĆ, 2014). Em outras palavras, MDD parte da premissa que um sistema é um modelo consistente com seu metamodelo (VUJOVIĆ; MAKSIMOVIĆ; PERIŠIĆ, 2014), assim, em vez de exigir que programadores escrevam cada simples detalhe da implementação de um sistema, permite que uma funcionalidade necessária para um software pode ser visualmente modelada (ATKINSON; KUHNE, 2003). Sendo assim, essa técnica viabiliza que muitas atividades complexas (porém rotineiras) sejam automatizadas na área de programação de software, como por exemplo o suporte a

persistência, interoperabilidade e distribuição (ATKINSON; KUHNE, 2003).

A modelagem usa da percepção visual humana para melhorar o processo de compreensão sobre o domínio de um software, já que modelos nos auxiliam a entender problema complexos e suas possíveis soluções através da abstração. Assim, MDD baseia-se na premissa de que o desenvolvimento de software deve focar principalmente na produção de modelos e não na criação de código (SELIC, 2003). A primeira vantagem dessa abordagem é que podemos usar conceitos mais ligados ao domínio do problema que software vai resolver do que conceitos técnicos ligados a linguagem de programação. Essa vantagem acarreta em alguns outros benefícios: modelos são mais compreensíveis do que códigos e portanto, tornam-se também mais fáceis de especificar e manter (SELIC, 2003). Além disso, modelos são menos sensíveis a alterações de tecnologias, ou seja, são independentes de plataforma (SELIC, 2003). Em conclusão, observa-se que o principal (porém não único) aspecto de MDD é a produção automática de código através da interpretação de modelos visuais (SELIC, 2003; VIYOVIĆ; MAKSIMOVIC; PERISIC, 2014).

2.3.1 Eclipse Modeling Framework

O EclipseTM é um projeto de código aberto com o objetivo de prover uma plataforma de desenvolvimento altamente integrada. O processo de criação de sistemas no EclipseTM pode ser dividido em alguns projetos, entre eles o Projeto de Modelagem (*Modeling Project*), que foca em tecnologias baseadas no desenvolvimento orientado a modelos (STEINBERG et al., 2008). Esse ambiente é chamado de *Eclipse Modeling Framework* ou *EMF*, e provê funcionalidades como transformação de modelos, integração de bases de dados e geração de editores gráficos (STEINBERG et al., 2008). Modelos especificados através de EMF relacionam conceitos de modelagem diretamente a seus conceitos de implementação, sendo a união das tecnologias UML, XML e JavaTM, permitindo a conversão automática entre todas essas ferramentas (STEINBERG et al., 2008).

A tecnologia EMF pode ser melhor explicado com um exemplo: um sistema de gerenciamento de ordem de compras de uma loja, que necessite incluir casos como “cobrar” e “entregar” em um endereço, e uma coleção de itens (nesse caso compras). A figura 6 mostra o diagrama em UML do sistema. Esse modelo pode também ser descrito dentro do EMF usando modelos *Ecore*, como na Figura 7. Modelos *Ecore* são baseados no metamodelo para especificação exibido na Figura 5, onde classes são representadas por *EClass*, atributos por *EAttribute*, relações por *EReference* e tipos de dados por *EDataType*. Assim, a “conversão” do modelo UML para *Ecore* é dada ao se instanciar classes de *Ecore* de acordo com a especificidade do domínio do problema, como pode ser visto na Figura 8 (STEINBERG et al., 2008).

Assim que o modelo é detalhado em *Ecore*, o EMF está pronto para gerar código automaticamente, seguindo os seguintes passos:

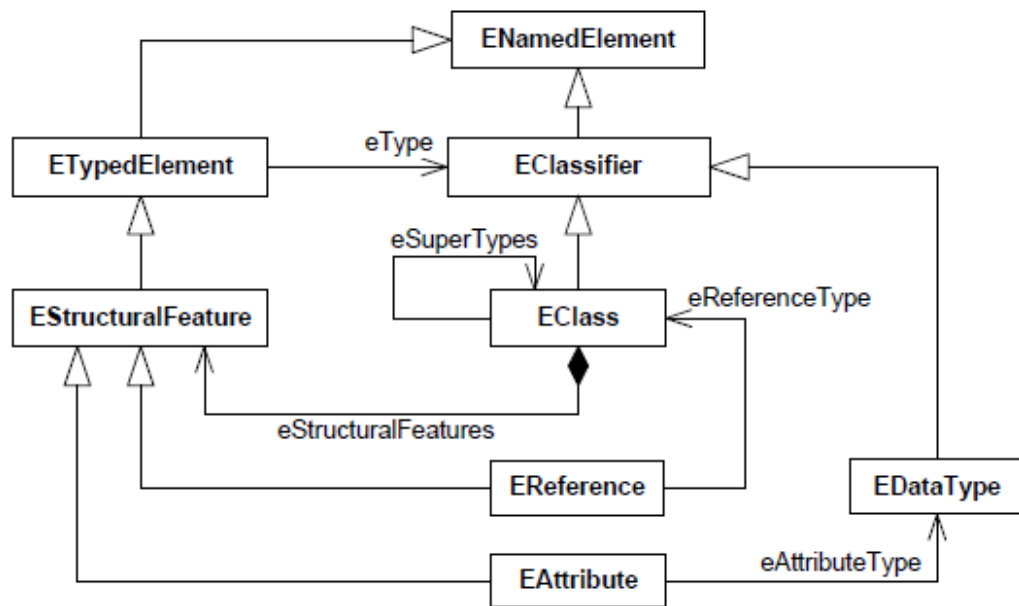
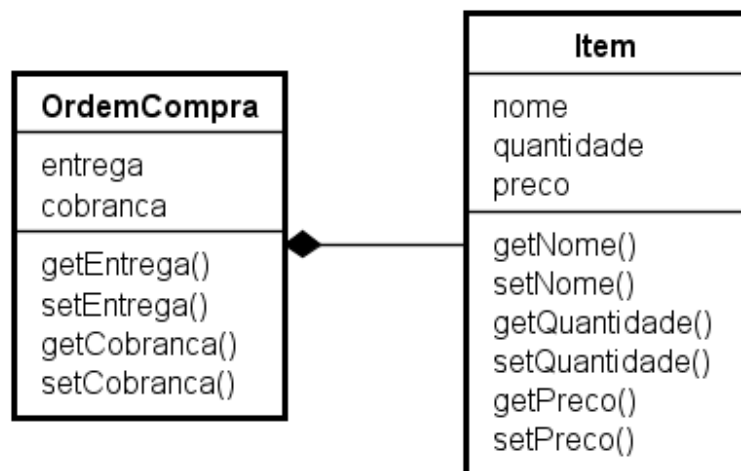
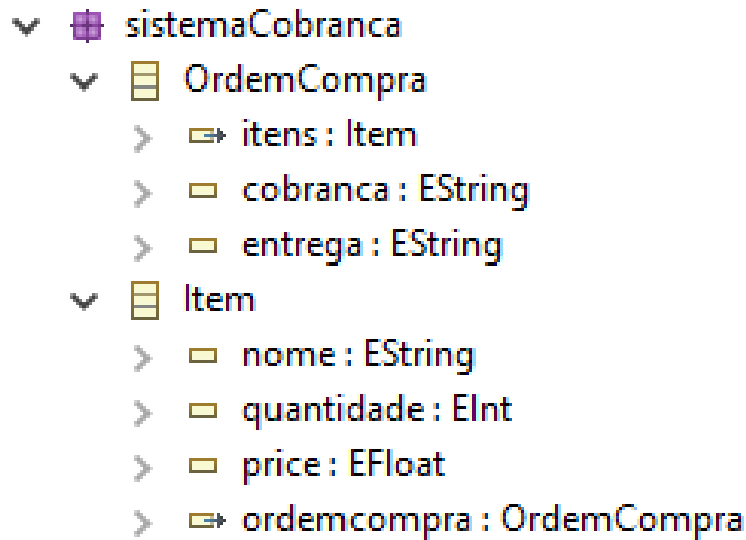
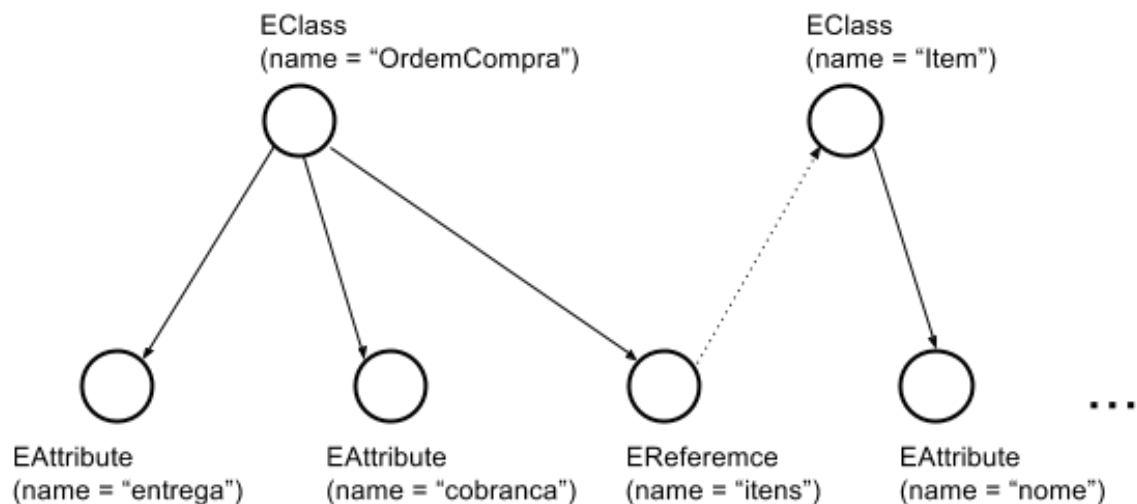
Figura 5 – Metamodelo de *Ecore* (KERN, 2008)

Figura 6 – Classes do diagrama do exemplo em UML

- Para cada tipo **EClass** são criadas uma interface e a classe de implementação correspondente. Então para o exemplo de classe **OrdemCompra** serão criadas a interface **OrdemCompra** e a classe **OrdemCompraImpl**. Essa especificação permite que sejam implementadas funções de persistência e distribuição, porém não serão discutidas aqui por fugirem do escopo desse trabalho.
- As classes do tipo **EAttribute** são transformadas em atributos nas classes correspondentes
- As classes tipo **EReference** são transformadas em referências nas respectivas classes as quais referenciam.

Figura 7 – Classes do diagrama do exemplo em *Ecore*Figura 8 – Conversão do diagrama de exemplo de UML para *Ecore*

Em suma, o *Framework* de modelagem do Eclipse™ permite que usuários criem modelos apoiados em metamodelos, e baseando-se no modelo criado, gerem partes de código de sistema (VUJOVIĆ; MAKSIMOVIC; PERISIĆ, 2014).

2.3.2 Sirius

O Sirius™ é um plugin que simplifica o *Framework* de Modelagem Gráfica (*Graphical Modeling Framework* ou *GMF*) do Eclipse™, reduzindo a complexidade de uso do mesmo e permitindo a produção de editores gráficos de modelos personalizados (VIJOVIĆ; MAKSIMOVIC; PERISIĆ, 2014). O Sirius™ é construído em cima do fato de

que o Eclipse™ provê utilidades para (des)serialização de modelos, checagem de condições e geração de editores baseados em EMF (BUDINSKY, 2004). Representações criadas com Sirius™ podem ser apresentadas em diagramas, tabelas e árvores (VIYOVIĆ; MAKSIMOVIĆ; PERISIĆ, 2014). Em síntese, Sirius™ provê ferramentas que permitem a especificação de um modelo de um domínio qualquer em diferentes perspectivas (VUJOVIĆ; MAKSIMOVIĆ; PERIŠIĆ, 2014).

Através de modelos de especificação (*Viewpoint Specification Model* ou VSM), o *plugin* permite especificar a estrutura, aparência e comportamento do metamodelo do editor a ser criado (VIYOVIĆ; MAKSIMOVIĆ; PERISIĆ, 2014). Os VSMs são especificados através de arquivos *.odesign* (VIYOVIĆ; MAKSIMOVIĆ; PERISIĆ, 2014), e baseam-se na especificação do metamodelo em *Ecore*. Um exemplo de caracterização de representação de modelos é mostrado na figura 9 retirada de (VIYOVIĆ; MAKSIMOVIĆ; PERISIĆ, 2014).

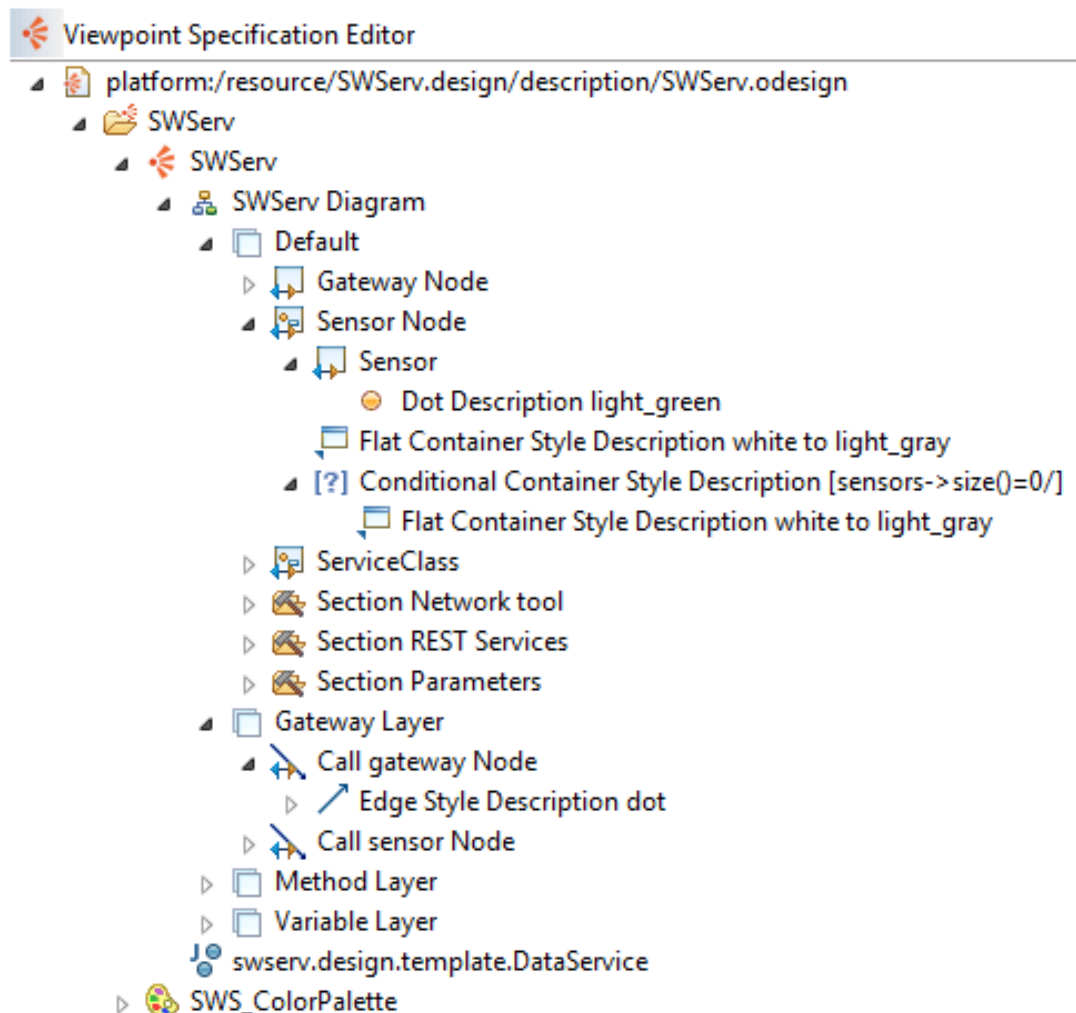


Figura 9 – Exemplo de *Viewpoint Specification Model*

Sirius™ provê vários mecanismos que auxiliam no gerenciamento da complexidade de modelos (MADIOT; PAGANELLI, 2015):

- **Camadas:** é possível separar elementos em camadas diferentes, e ativar ou desativar essas.
- **Filtros:** exibir ou esconder elementos dependendo de determinada condição.
- **Personalização de Estilos:** permite modificar propriedades gráficas de elementos do diagrama.
- **Regras de Validação:** permite que a qualidade do modelo seja avaliada.

3 Especificação de Requisitos

4 Projeto Arquitetural e Implementação

5 Considerações Finais

Este capítulo apresenta as conclusões do trabalho realizado, mostrando suas contribuições. Por fim, são apresentadas suas limitações e perspectivas de trabalhos futuros.

5.1 Conclusões

Com a necessidade de acompanhamento dos alunos egressos do DI/Ufes, objetivando estimular alunos do ensino médio pela área da informática, viu-se a oportunidade de desenvolver um sistema web para atender esta necessidade. Além disso, como muitos estudantes do DI/Ufes desenvolvem ferramentas como parte de seu projeto final de graduação, viu-se a necessidade de integrar futuras ferramentas de forma a serem realmente utilizadas.

Os objetivos elencados no Capítulo 1 foram alcançados, de forma que toda a documentação indicada pela Engenharia de Software foi feita. Primeiramente os requisitos foram levantados e analisados, gerando os Documento de Especificação de Requisitos contendo os requisitos funcionais e não funcionais, a descrição do propósito do sistema e do minimundo, a definição dos atores, casos de uso, diagrama de estado e diagrama de classe. Após esta fase deu início ao desenvolvimento do Documento de Projeto contendo os Atributos de Qualidade e Táticas, os modelos propostos pelo FrameWeb e a arquitetura de software para o SAE.

Dentre as dificuldades encontradas para o desenvolvimento desse trabalho podemos destacar o estudo e entendimento das tecnologias Java EE tais como JAAS, CDI, JPA. Assim, observou-se a necessidade de realizar pesquisas de exemplos e tutoriais e a leitura da documentação destes frameworks. Outras dificuldades encontradas foram: assimilar os conceitos do FrameWeb tendo em vista o curto período de tempo para o desenvolvimento do projeto e escrita da monografia; Implementar o SAE como um módulo de um sistema que visa a integração de outros sistemas a serem desenvolvidos nos projetos de graduação, visto que a base desse sistema integrador (Marvin) estava ainda em construção.

Durante a fase de desenvolvimento do projeto e da implementação do mesmo, foi possível praticar e avaliar o método FrameWeb, verificando que ele auxiliou no desenvolvimento com os modelos de projeto e do perfil UML propostos pelo método por eles aproximarem o modelo de projeto arquitetural da implementação do sistema, reduzindo assim o tempo gasto com o desenvolvimento. Por outro lado, sentiu-se a falta de uma forma de especificar um modelo de segurança, mostrando quais classes seriam protegidas e quais usuários teriam acesso a elas. Uma sugestão para especificar esse modelo de segurança

encontra-se na Figura, que utiliza o modelo de aplicação do FrameWeb visto que as classes desse modelo que serão protegidas, foi utilizado cores para especificar quais usuários terão acesso as classes.

Por fim, cabe destacar o grande desafio que foi integrar as diferentes disciplinas realizadas durante o curso de Ciência da Computação, pois elas foram vistas muitas vezes de forma teórica e separadamente uma da outra, mas a experiência adquirida com o desenvolvimento desse trabalho foi enorme e proveitosa, pois foi possível colocar na prática os conceitos aprendidos em sala de aula superando as dificuldades encontradas e, além disso, foi possível adquirir conhecimentos de novas tecnologias que servem para resolver os problemas que podemos encontrar no dia-a-dia.

5.2 Limitações e Perspectivas Futuras

No final do desenvolvimento de um software, tipicamente novas necessidades são identificadas. A manutenção e a evolução de software devem ser um trabalho constante, de forma que o ciclo de vida não finalize na homologação, mas permaneça ao longo de toda a vida do software.

A partir dos resultados alcançados, algumas limitações podem ser observadas, o que dá margem para a realização de trabalhos futuros, sendo assim alguns trabalhos surgirão a partir deste. Essas limitações são apresentadas nos itens abaixo.

- Adicionar ao método FrameWeb um modelo onde seja possível modelar os controle de segurança do sistema.
- Ampliar o escopo do sistema do DI/Ufes para todos os departamentos da Ufes, assim todos os cursos poderiam ser incluídos.

Referências

- ANDERSSON, J. et al. Modeling dimensions of self-adaptive software systems. In: *Software engineering for self-adaptive systems*. [S.l.]: Springer, 2009. p. 27–47. Citado na página 11.
- ATKINSON, C.; KUHNE, T. Model-driven development: a metamodeling foundation. *IEEE software*, IEEE, v. 20, n. 5, p. 36–41, 2003. Citado 2 vezes nas páginas 27 e 28.
- BRUN, Y. et al. Engineering self-adaptive systems through feedback loops. In: *Software engineering for self-adaptive systems*. [S.l.]: Springer, 2009. p. 48–70. Citado 2 vezes nas páginas 11 e 17.
- BUDINSKY, F. *Eclipse modeling framework: a developer's guide*. [S.l.]: Addison-Wesley Professional, 2004. Citado na página 30.
- DALPIAZ, F. et al. Runtime goal models: Keynote. In: IEEE. *Research Challenges in Information Science (RCIS), 2013 IEEE Seventh International Conference on*. [S.l.], 2013. p. 1–11. Citado 2 vezes nas páginas 17 e 19.
- DARDENNE, A.; FICKAS, S.; LAMSWEERDE, A. van. Goal-directed concept acquisition in requirements elicitation. In: IEEE COMPUTER SOCIETY PRESS. *Proceedings of the 6th international workshop on Software specification and design*. [S.l.], 1991. p. 14–21. Citado na página 17.
- DARDENNE, A.; LAMSWEERDE, A. V.; FICKAS, S. Goal-directed requirements acquisition. *Science of computer programming*, Elsevier, v. 20, n. 1-2, p. 3–50, 1993. Citado 2 vezes nas páginas 16 e 17.
- FALBO, R. A. *Engenharia de Software*. [s.n.], 2014. 141 p. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/ES/Notas_Aula_Engenharia_Software.pdf>. Citado na página 15.
- FALBO, R. A. *Engenharia de Software*. [s.n.], 2017. 71 p. Disponível em: <http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/ER/Notas_Aula_Engenharia_Requisitos.pdf>. Citado na página 15.
- JURETA, I.; MYLOPOULOS, J.; FAULKNER, S. Revisiting the core ontology and problem in requirements engineering. In: IEEE. *International Requirements Engineering, 2008. RE'08. 16th IEEE*. [S.l.], 2008. p. 71–80. Citado na página 17.
- KEPHART, J. O.; CHESS, D. M. The vision of autonomic computing. *Computer*, IEEE, v. 36, n. 1, p. 41–50, 2003. Citado na página 11.
- KERN, H. The interchange of (meta) models between metaedit+ and eclipse emf using m3-level-based bridges. In: *8th OOPSLA Workshop on Domain-Specific Modeling at OOPSLA*. [S.l.: s.n.], 2008. v. 2008. Citado 2 vezes nas páginas 7 e 29.
- LAMSWEERDE, A. V. Goal-oriented requirements engineering: A guided tour. In: IEEE. *Requirements Engineering, 2001. Proceedings. Fifth IEEE International Symposium on*. [S.l.], 2001. p. 249–262. Citado na página 16.

- LAMSWEERDE, A. V.; DARIMONT, R.; LETIER, E. Managing conflicts in goal-driven requirements engineering. *IEEE transactions on Software engineering*, IEEE, v. 24, n. 11, p. 908–926, 1998. Citado na página 16.
- MADIOT, F.; PAGANELLI, M. Eclipse sirius demonstration. In: *P&D@ MoDELS*. [S.l.: s.n.], 2015. p. 9–11. Citado na página 31.
- MORIN, B. et al. Models@ run. time to support dynamic adaptation. *Computer*, IEEE, v. 42, n. 10, 2009. Citado na página 26.
- PFLEEGER, S. L. *Engenharia de software: teoria e prática*. [S.l.]: Prentice Hall, 2004. Citado na página 15.
- ROSS, D. T.; SCHOMAN, K. E. Structured analysis for requirements definition. *IEEE transactions on Software Engineering*, IEEE, n. 1, p. 6–15, 1977. Citado na página 15.
- SELIC, B. The pragmatics of model-driven development. *IEEE software*, IEEE, v. 20, n. 5, p. 19–25, 2003. Citado na página 28.
- SOUZA, V. E. S. *Requirements-based software system adaptation*. Tese (Doutorado) — University of Trento, 2012. Citado 8 vezes nas páginas 7, 11, 18, 21, 24, 25, 26 e 27.
- SOUZA, V. E. S. et al. Requirements-driven software evolution. *Computer Science-Research and Development*, Springer, v. 28, n. 4, p. 311–329, 2013. Citado 4 vezes nas páginas 19, 22, 23 e 25.
- SOUZA, V. E. S.; LAPOUCHNIAN, A.; MYLOPOULOS, J. (requirement) evolution requirements for adaptive systems. In: IEEE PRESS. *Proceedings of the 7th International Symposium on Software Engineering for Adaptive and Self-Managing Systems*. [S.l.], 2012. p. 155–164. Citado 4 vezes nas páginas 11, 17, 18 e 19.
- SOUZA, V. E. S. et al. Awareness requirements. In: *Software Engineering for Self-Adaptive Systems II*. [S.l.]: Springer, 2013. p. 133–161. Citado 3 vezes nas páginas 17, 18 e 19.
- STEINBERG, D. et al. *EMF: eclipse modeling framework*. [S.l.]: Pearson Education, 2008. Citado na página 28.
- VIYOVIĆ, V.; MAKSIMOVIĆ, M.; PERISIĆ, B. Sirius: A rapid development of dsm graphical editor. In: IEEE. *Intelligent Engineering Systems (INES), 2014 18th International Conference on*. [S.l.], 2014. p. 233–238. Citado 4 vezes nas páginas 27, 28, 30 e 31.
- VUJOVIĆ, V.; MAKSIMOVIĆ, M.; PERIŠIĆ, B. Comparative analysis of dsm graphical editor frameworks: Graphiti vs. sirius. In: *23rd International Electrotechnical and Computer Science Conference ERK, Portorož, B*. [S.l.: s.n.], 2014. p. 7–10. Citado 2 vezes nas páginas 27 e 30.
- YU, E. et al. 1 social modeling for requirements engineering: An introduction. *Social Modeling for Requirements Engineering*, MIT Press, p. 3–10, 2011. Citado na página 17.

Apêndices